

1918, 1919 & 2020

“Foi num cabaré na Lapa
que eu conheci você,
fumando cigarro,
entornando champanhe
no seu soirée.
Dançamos um samba
e trocamos um tango
por uma palestra...
Só saímos de lá
meia hora depois
de descer a orquestra!”

[“Dama do cabaré”, de Noel Rosa]

“[...] Fui de um... Fui de outro... Este era médico...
Um, poeta... Outro, nem sei mais!
Tive em meu leito enciclopédico
Todas as artes liberais.”

[“Vulgívaga”, de Manuel Bandeira]

Mil novecentos e dezoito. O Rio de Janeiro ainda era preto & branco, quando a peste chegou de navio e se fez “*ponto morto de choferes, passadiço de navais*”. Era alva, trajava negro, e se insinuava febril; a cada passo, entre rodopio, pose e negaceio, furava pulmões arfantes com a agulha do salto como fossem desgraçadas bexigas, subitamente cheias de vazio — “*são dois pra lá, dois pra cá*”, ciciava entre dentes, deixando escapar um sotaque forçosamente fingido, de modo a interpretar um papel estrangeiro no qual não se reconhecia [porque as más línguas diziam que era espanhola], embora fizesse tudo quanto pudesse para cumprir o *script*.

E feito peça que se consagra ao avançar no tabuleiro até a oitava casa adversária, esta *dama* deu tudo de si na cidade do Cristo que ainda não havia, tornando leito o que dissimulava alcova, para cobrar preço altíssimo no fim: cerca de quinze mil vidas. *Post coitum omne animalium trist est*.

Noves fora zero, antes que esta conta fechasse, ou, mais precisamente, transcorrido um mês na presença fatal daquela *persona non grata*, o Rio de Janeiro não mais gozava o seu não sei quê regateiro, com faces coradas de ruge e batom, à moda dos cabarés franceses — em vias do *démodé*, diga-se de passagem. Era um vasto hospital, afirmava-se por toda parte e na primeira página da *Gazeta de Notícias*.

Todavia *la commedia è finita*; e a tragédia também o é. “*Meia hora depois de descer a orquestra*”, a pneumônica abandonou o recinto sorrateiramente, sem pagar as despesas. À mesa, esquecera de propósito um guardanapo de boca, marcado de batom e levemente umedecido pela borda suada de um copo; ali jazia não um adeus, *pero un adios*.

[...]

“Se existe alma,
se há outra encarnação,
eu queria que a mulata
sapateasse no meu caixão...”

[“Fita Amarela” de Noel Rosa]

“Três gregas de alvos pés, pubescentes e esguias,
Torcendo os corpos nus donde acre aroma escapa,
Dançam meneando véus, flexíveis como enguias.”

[“A ceia”, de Manuel Bandeira]

Mil novecentos e dezenove. Ora, fazendo jus ao ditado “*quem não é visto não é lembrado*”, bastou que desaparecesse *la dansarina* por duas folhas de calendário para que retornasse ao palco a orquestra d’antes, como que a animar um baile de vivos à revelia da morte. Apesar dos pesares [aqui, literalmente], o Rio de Janeiro irradiava as cores de fantasias tantas e tontas na iminência de dois carnavais — um de rua, alardeado aos quatro cantos; e outro de versos, insuspeitado.

O primeiro vingou tardio, num sábado cujo sol redimira as águas quase de março que embotavam as ruas. De tão arrevesado em relação aos anteriores, desfilava seminu, açodado e devasso, como que avisado de sua brevidade embora sonhasse ser eterno. Ainda impúbere, fecundou a alegria num repente, e esta que andava tão desenxabida não precisou de nove meses para dar à luz mais uma ninhada de criaturas temporãs: era o *Cordão do Bola Preta*, “*quente como a cama dos amantes*”, sob a batuta de *K.veirinha*, um dos maiores cronistas carnavalescos da cidade; eram *As Borboletas Negras*, *As Baianinhas Invejadas* e a *Orquestra das Senhoritas*, anunciando-se como os primeiros ranchos femininos de então, cheios de vigor, *perequetês* e bulício; era o *Bloco do Eu Sozinho*, a ironizar as recomendações sanitárias de distanciamento social, com os escárnios de um folião arredio que não aceitava adesões, nem se deixava abraçar, enquanto abria caminho em meio às multidões, tocando corneta e cantando indecências... Era uma vez um grito de desespero travestido de revanche: *a carne vale!*

O segundo nasceu a fórceps, pelos versos de um mocinho dentuço, tímido, porém simpático, filho bem criado de uma família pernambucana, poeta recente e, desconsoladamente, tuberculoso; chamava-se Manuel Bandeira. À sua maneira, este carnaval parecia *ao avesso*, pois contrariava a lógica do calendário e culminava depois d’*a cinza* [das horas]. Tinha ares simbolistas, e evocava Baco, Vênus, Cristo e Momo ao mesmo rito, entre sátiros, faunos, ninfas, súcubos, pierrôs, pierrettes, arlequins, colombinas, numa espécie de *pã-cristã-mitologia*. Era eterno, mas queria provar da efemeridade. Decerto não temia anacronismos e anomia, como uma chama de vela em tempos de luz elétrica, frágil, oscilante e, conquanto, capaz de iluminar o passado, o futuro e o presente mais do que um poste da *Light* — para trás, para frente, para todos os lados.

[...]

“*Quem dá mais
por um samba feito nas regras da arte,
sem introdução e sem segunda parte?
Só tem estribilho, nasceu no Salgueiro,
e exprime dois terços do Rio de Janeiro!*”

[...] *Dou-lhe uma; dou-lhe duas; dou-lhe três...*”

[“Quem dá mais?”, de Noel Rosa]

“*Nós caminhávamos de mão dadas, com solenidade,
O ar lúgubre, negros, negros...
Mas dentro em nós era tudo claro e luminoso.
Nem a alegria estava ali, fora de nós.
A alegria estava em nós.
Era dentro de nós que estava a alegria,
– A profunda, a silenciosa alegria...*”

[“Sonho de uma terça-feira gorda”, de Manuel Bandeira]

Dois mil e vinte. O Rio de Janeiro é diferente nas telas de *smartphones*, tão hodiernos ao ponto de torná-lo colorido, sépia ou preto & branco [porque é artifício de sedução do novo a emulação do velho], ao bel prazer de dedos que capturam imagens com um clic *touch screen* e movimentam, inconsciente e analogicamente, as peças de mais uma partida sobre o tabuleiro de outrora; não obstante, dá-se agora, letal e imprevisível, em vez de *dama* uma *rainha*, identificada por *su corona*.

Atadas as mãos e vendados os olhos do enxadrista, seja ele destino, ocaso ou o próprio Redentor, as peças ora em jogo, ora em fuga, são capturadas às cegas, ao passo que *una corona negra*, invisível sob as luzes apagadas da nova década, risca a vertical, a horizontal e as diagonais – e lá se vão cavaleiros, bispos, torres e muitos, muitos, muitos peões...

Diante de conjuntura tão periclitante, um professor de literatura e os seus alunos, também peças à mercê do lance seguinte, reconheceram o *fácie* infamiliar da peste e decidiram estudar sua visita anterior àquelas paragens, quando figurava menos altiva, quiçá porque desprovida de seu signo monárquico; mas parecia impossível, pois estavam confinados aos seus respectivos quadrados, *a* aproximadamente quatrocentos e trinta e cinco quilômetros & *há* cento e dois anos do episódio.

Por sorte, no tempo deste impasse, um velho dentuço, tímido, porém simpático, filho bem criado de uma família pernambucana, poeta consagrado e, desconsoladamente, tuberculoso, saltou da estante, ofereceu humilde companhia e, de mãos dadas com aqueles, apresentou um *itinerário de Pasárgada* como saída alternativa ao *xequé-quase-mate* armado no escuro. A passos lentos, atravessou o século com “*tosse, tosse, tosse*”, e deu conta de provar a leitores atônitos, tão solenes e lúgubres, que a alegria, “*a profunda, a silenciosa alegria*”, era, é e sempre será a prova dos nove, mesmo se desesperada ou melancólica, ofertando-lhes depois não dois, mas três carnavais – um de rua, efêmero pois de carne e osso; outro de versos, eterno porque mítico; e o último, ainda por vir, com a promessa de conciliar os dois anteriores, sob a chama de uma vela, frágil, oscilante e, conquanto, capaz de revelar às peças desarranjadas e estáticas no tabuleiro a oportunidade de moverem-se *para trás, para frente, para todos os lados*.

... Os leitores gozaram o primeiro e o segundo como se não houvesse amanhã; hoje, ao que parece, têm alegria, “*a profunda, a silenciosa alegria*”, para esperar pelo terceiro. Desta experiência, cá está uma parcela profícua, por via das narrativas de Beatriz Zerbinato e Isadora Lopes/ 1º A, e Julia Giovannetti e Luisa Bossa/ 1º B.

[...]